

A RESPEITO DE OSTOMIZADOS NO MUNDO

Maria Celia Borchert Lopes¹

A estomaterapeuta holandesa Aly L. de Urias foi convidada para ir à Indonésia orientar grupos de saúde sobre cuidados com ostomias e ostomizados.

Aly teve uma experiência muito interessante e nós vamos aqui descrevê-la, assim como tecer algumas comparações sobre outros países.

– Imaginem como uma holandesa, nascida e criada em um país europeu altamente desenvolvido com um nível sócio-econômico alto, onde saúde é um direito de toda a população, teve surpresas.

– A Indonésia é um país subdesenvolvido, fica na Ásia e tem uma população carente de recursos, principalmente de saúde.

Três aspectos foram os mais ressaltados pela visitante, a religião, o custo dos sacos coletores e a qualidade destes.

A religião da Indonésia é predominantemente islâmica, que tem uma série de exigências rituais que a nós podem parecer absurdas ou exageradas. Podemos perguntar o que tem o ostoma com a religião?

– Para os islâmicos muito: Eles devem rezar cinco vezes ao dia e sempre lavarem-se antes da reza para estarem puros (limpos?).

Então uma ostomia que esteja (como a maioria deve estar) abaixo do umbigo é considerada uma abertura “Natural”, como o ânus por exemplo, então o ostomizado terá que tirar sua bolsa coletora e lavar-se, pois se estiverem sujas eles estarão “impuros” para a reza devido a saída de fezes, urina, gases etc.

A constante e exagerada troca de bolsas por razões religiosas gera problemas de irritação de pele. Se existissem recursos quanto à qualidade das bolsas, estes problemas seriam contornados, porém até mesmo as bolsinhas simples com adesivos são difíceis de encontrar e são caras.

Em contrapartida, se o indivíduo possui uma abertura acima do umbigo (mesmo saindo urina e fezes) esta abertura não é considerada natural, então não será preciso lavá-la antes de rezar.

As pressões religiosas são tão fortes que muitas vezes prejudicam a melhor técnica cirúrgica em função do bem-estar emocional do paciente e, fazem ostomias acima do umbigo.

Sobre a compra do material, explica Aly que a média dos indonésios recebe como salário cerca de Cr\$ 21.000,00 enquanto uma bolsa custa cerca de Cr\$ 500,00.

Não há ajuda da Previdência Social e então, pacientes, familiares e equipe de saúde apelam para a inventividade utilizando recursos domésticos.

É comum o uso de um coco partido ao meio, colocado sobre a colostomia e fixado ao corpo enrolado com panos ou plásticos. A concha do coco e o plástico são lavados no rio quando do banho antes da reza.

Problemas de pele são constantes porém menores que com o uso e retirada de adesivo, também devido ao tipo de vestimenta (sarongue) o volume do coco e dos panos não fica visível pois este tipo de roupa é largo e frouxo.

Outro fato que lhe chamou atenção foi o costume da família permanecer convivendo no Hospital rezando pelos corredores enquanto o seu familiar esteja internado. Estas famílias comem, dormem e bebem dentro do hospital jogando restos ao chão, para uma multidão de gatos que perambulam pelos corredores.

Aly ressaltava que a presença dos gatos é profilática na perseguição aos ratos que proliferariam abundantemente. Um problema resolve o outro.

Não há no artigo críticas, pois compreendemos que estes são costumes populares “cultura”, que de povo para povo é diferente.

Para um inglês ou holandês já é um espanto alguns costumes brasileiros, como por exemplo – um dia de visitas no hospital onde parentes, vizinhos, amigos, curiosos, religiosos e outros, transitam e perambulam pelos corredores, muitas vezes também comendo e jogando restos ao chão.

JÁ NOS ESTADOS UNIDOS...

Bem, nos E.U.A., país onde os pobres são menos pobres e os ricos são mais ricos, a situação é inversa.

Existe quase um milhão de americanos que estão “ostomizados” (temporária ou definitivamente).

Destes, 46.000 estão associados a grupos que somam 692.

A associação nacional possui um computador para controle do apoio e ajuda aos ostomizados respondendo a qualquer dado sobre estes sócios.

Não há ostomizado que não podendo comprar suas bolsas deixe de recebê-las através de alguma associação beneficente.

Esta ajuda estende-se a outros países como o nosso.

AQUI NO BRASIL...

Nós aqui, estamos “nem tanto ao mar nem tanto a terra”. Nem tanto aos Estados Unidos nem à Indonésia.

Já existem há oito anos experiências com grupos de ostomizados, iniciados por médicos e profissionais de saúde. Estes grupos já fazem intercâmbio de atividades nos estados do Rio de Janeiro, Ceará, Goiás, São Paulo e Bahia.

– Existem bolsas nacionais a preço baixo e de igual padrão, existem outras bolsas nacionais da Coloplast de boa qualidade porém com preço nem sempre acessível à maioria. E ainda existem bolsas importadas da Hollister e da Squibb que devido às restrições às importações têm seus preços aumentados conforme o dólar, enquanto nossos salários estão achatados.

– Precisamos que as autoridades exerçam um controle sobre a qualidade do material que está sendo fabricado e vendido a todas as instituições hospitalares e aos pacientes.

– Porém, como aqui é o país do jeitinho, temos conseguido através de doações, algumas bolsas importadas. Estas doações são feitas por organismos internacionais e pelos bons laboratórios, que não só vivem de vender bolsas para ostomias, mas também se preocupam com a situação de seus clientes. Ex: Coloplast e Hollister.

– Muitas vezes chegam às Associações ou clubes de ostomizados pacientes que também usam recursos domésticos, tais como panos (trapos), sacos de leite, aros de borracha acoplados a sacos plásticos e outras tantas improvisações.

– Se não chegamos ao extremo do uso do coco, também não estamos tão além, pois comprar bolsas coletoras sai caro e a Previdência Social não socorre a todos.

– Aqui como na Indonésia, nem todos os ostomizados são pobres, mas a maioria o é. Esta maioria nos preocupa em termos de reabilitação, pois a volta a alguma atividade produtiva ajuda muito, principalmente a manutenção dos custos dos equipamentos (sacos coletores).

¹ Estomaterapeuta, Rio de Janeiro – RJ